

Leitura e Pensamento: espaços de intervenção para a formação de uma identidade cultural e espírito de cooperação

Joana Cayalcanti

Sabemos que a leitura se tem constituído em espaço privilegiado para a emergência de múltiplas e pertinentes discussões em torno da formação para a cidadania, consciência crítica e, também, para os aspectos que envolvem o desenvolvimento sócio-emocional de crianças, jovens e adultos. É, portanto, fonte inesgotável de produção de pensamento, reflexão, conhecimento e transformação.

Reflectir sobre leitura e pensamento exige entrega pessoal e rigor científico já que estes "objectos" envolvem um certo grau de complexidade e, por isso, são difíceis de serem expostos apenas a partir de um ponto de vista. O próprio acto de ler está implicado num sistema que funciona de forma polissémica e que aponta para a realidade de forma múltipla e aberta. Assim, o próprio conceito de leitura pode conter muitos significados.

Podemos abordar a questão da leitura por meio de inúmeros pressupostos teóricos, desde aqueles que afirmam o acto de ler como sendo apenas o da "descodificação" até aqueles outros que o percebem como capacidade de se ir para além de um significante, ou seja, de um código. Evidentemente, que todo o processo de leitura exige a capacidade de interpretação de um dado objecto da realidade a partir de um conjunto de conteúdos e imagens previamente estabelecidas e de regras e normas que estão na base de qualquer forma de linguagem.

Preferimos conceber a leitura como algo que gera e cria possibilidades de ser e estar no mundo de maneira partilhada, situamo-la no âmbito das relações humanas e, por isso, vocacionada para a realização da intersubjectividade. A leitura é, portanto, um convite para o diálogo e para o confronto com o outro que é capaz de nos desafiar nas bases da nossa visão de mundo e construção de sentido. Sem dúvida, que a produção de sentido e reconstrução da realidade consistem numas das principais características da leitura. Seja a leitura de uma frase, de um livro, de uma pintura, de um gesto, de uma peça publicitária, de uma música, de um afecto... o leitor deve ser capaz de transformar o visto/ouvido/sentido em algo com significado para a vida pessoal e colectiva.

Ler pode ser considerado como sendo condição existencial da espécie humana. Sendo o ser humano, animal predisposto para o simbólico, logo encontra na linguagem o caminho de representar e interpretar a realidade. O animal humano é simbólico por excelência, inserido no contexto de uma semiótica geral e, neste sentido, é capaz de entrar no universo da linguagem, da cultura e da sociedade para narrar-se de maneira plural e significativa contribuindo, desta forma, para a evolução da sua humanidade.

Ora, ser capaz de olhar, admirar-se, sentir, compreender e criar faz parte do nosso *modus vivendi*. Estamos em permanente busca de sentido, visto que a nossa primeira inscrição no mundo funda-se no conceito de inconclusão, necessitamos, assim, de prolongar e alargar a nossa experiência grupal, nem sempre construída de forma equilibrada e justa. Parece que muito da nossa forma de estar no mundo é determinada pelos vários contextos de que estivemos a fazer parte ao longo da vida. Mesmo os contextos apropriados para o surgimento de leitores críticos e intervenientes são condicionados pelas diversas perspectivas sociais e ideológicas.

Por outro lado, o acto de ler implica uma gama de factores muito complexos, porque é algo que se engendra no olhar, na consciência e no percurso que vai do individual (o si) para o colectivo (o outro). Isso também quer dizer que ao falar-se de leitura não se podem deixar de levar em consideração aspectos que são de ordem: biológica, psicológica, social, histórica, antropológica e cultural. Assim, leitura e pensamento são indissociáveis, são como faces de uma mesma moeda.

O modo pelo qual se lê e se percebe a realidade é determinante para a formação de um certo modo de pensar o mundo, o vivido subjectivamente, mas também tudo aquilo que se experimenta a partir das experiências projectadas e partilhadas com o outro. Assim, o exercício de leitura faz sentido na medida em que os mecanismos sensoriais, cognitivos e afectivos são alterados a partir daquilo que se pode dividir e vivenciar com o outro. Dessa forma, pode considerar-se o acto de ler como um gesto legítimo situado nas bases do lúdico, do jogo, do desafio e da luta.

A linguagem é possivelmente o lugar de onde surge e nasce o ser humano e significa um dos pilares fundamentais do processo de humanização. Por tudo isso a lógica do pensamento é também a do olhar que especula, interpela, questiona, observa, analisa, avalia e faz prognósticos. É a lógica do possível de ser. Assim, a "coisa" capturada transforma-se em imagem, pensamento, reflexão e compreensão, como nos garante Gaston Bachelard (1986: 175-178) ao dizer que (...) *para o contemplador que "constrói o seu olhar", o olho é o projector de uma força humana. Um poder iluminador subjectivo vem acender as luzes do mundo. Existe um devaneio do olhar vivo, devaneio que se anima num orgulho de ver, de ver claro, de ver bem, de ver longe... (...) O cosmos, soma de beleza, é um argos, soma de olhos sempre abertos. Assim, se traduz num nível cósmico o teorema do devaneio da visão: tudo o que brilha vê e não há no mundo nada além de um olhar.*"

A figura do contemplador é uma das mais belas e representativas imagens do ser humano. A capacidade de lançar o olhar em direcção ao outro concedeu-nos um lugar diferenciado e especial na natureza: daquele que vê, olha e sente é também aquele que conhece e transforma. Possivelmente, desde o momento em que se deu conta de que além dele próprio existia um outro a ser descoberto, revelado, compreendido,

interpre
neio" p
Assim, l
fio que
compar
mento
dizer-se
por isso
Umber
plano f
sibilita
mar o
pelas s
Essa pe
das file
to aris
modos
Entret
novos
as que
rência
te. Inc
esvazi
Impor
rário,
em to
palavi
qual
order
E pr
texto
brine
huma
preca
prop
As bl
perta

interpretado e "aprisionado" na esfera do pensamento e imaginação, o "olhar devaneio" passa a ter o significado de leitura.

Assim, ler vai muito além de ser capaz de decifrar um determinado código. É jogo e desafio que propõe o encontro entre várias subjectividades, vários "eus" que dialogam para compartilhar e reinventar os caminhos da história, da sociedade e da cultura. É desdobramento do si para o outro, abrigo acolhedor para a dinâmica da intersubjectividade. Daí, dizer-se que o espaço da leitura é o da conquista de autonomia. Captura do outro em nós, por isso lugar do "entre-dois", onde tudo pode acontecer porque é devir.

Umberto Eco (1991) diz a esse respeito que a semiótica da leitura deve situar-se no plano filosófico, não devendo aprisionar-se a um determinado sistema, mas sim possibilitar uma compreensão ampla da realidade, pois ler implica ser capaz de transformar o apreendido em discursos possíveis sobre a realidade empírica, mas norteados pelas subjectividades que os produzem.

Essa postura filosófica acerca da leitura não surge no mundo contemporâneo por meio das filosofias de vanguarda, ao contrário disso vem sendo trilhada desde o pensamento aristotélico que entende o ser humano como ser capaz de expressar-se de muitos modos e o ser é o que a linguagem expressa de várias maneiras.

Entretanto, é na intersecção entre os séculos XX e XXI que assistimos à eclosão de novos paradigmas de pensamento e interpretação que possibilitam uma reflexão sobre as questões históricas e sociais registadoras de um mundo vivido sob a tutela das aparências, onde a instantaneidade do tempo se consolida pelo fugaz, passageiro e mutante. Inclusivamente, a rede das relações humanas é tecida pelo profundo sentimento de esvaziamento e superficialidade.

Importa, neste momento, situar-nos com relação ao texto escrito e de carácter literário, pois entendemos que se pode ter nesse espaço uma realidade a ser explorada em toda a sua potencialidade: naquilo que é grandeza e naquilo que é fragilidade. A palavra, matéria-prima, da narrativa literária funciona como um fio mágico com o qual vidas são criadas, destinos são conduzidos, contextos são transfigurados e a ordem real é subvertida.

É precisamente a complexidade da narrativa literária que nos faz dizer que o bom texto tem forma, textura, volume, cor, som, sabor e sentimentos e, por isso, joga e brinca com o leitor como se rememorasse o instante inaugural do primeiro gesto humano e voluntário de resignificar a existência para torná-la, quem sabe, menos precária. Assim, o narrador que existe em cada um de nós busca um pouco da sua própria história em outras narrativas.

As histórias são espaços habitados pelas narrativas de toda a gente e, por isso, desperta a identificação do leitor que por sua vez deve ser capaz de despir-se da própria

pele para, numa atitude de solidariedade e respeito, compartilhar com os dramas e conflitos alheios, mas também com a felicidade, a superação e o amor. Quem lê inter-subjectiva-se e conquista outras dimensões de humanidade.

Certamente, o caminho da leitura deve ser para além do signo, embora a decifração do código escrito nos coloque num patamar de compreensão e descoberta mais alargado e, por isso, a leitura e a escrita são tão importantes para a maturidade de um povo. Extrapolar o meramente nomeado é o grande desafio. Ensinar a ler com a alma e a consciência é dizer que a leitura funciona como uma grande janela de onde se pode ver o mundo. Porém não é tarefa das mais fáceis, pois em oposição à leitura funcional devemos tratar de uma formação para a leitura que privilegie as capacidades criativas e simbólicas do leitor, o que ultrapassa o significado convencional de signo, de texto, de leitor e de contexto.

92

Talvez seja interessante revisitar a definição de Peirce que ao falar sobre o signo confirma a leitura como espaço triangular onde existe a cooperação de três sujeitos: o signo, o seu objecto e seu intérprete. *“O signo, portanto, acontece só quando uma expressão é imediatamente envolvida numa relação triádica, na qual o terceiro termo, o interpretante, gera automaticamente uma nova interpretação, e assim até o infinito”* (Eco, 1991: 13).

Isso quer dizer que o signo extrapola a sua condição material para fazer-se presença espiritual, pois o signo não ocupa somente o lugar de alguma outra coisa, mas remete a uma relação de capacidade que nos faz conhecer sempre algo a mais. A dimensão do signo é também a dimensão do olhar que se apropria das mais variadas formas textuais: natureza, sons, palavras, arte (música, literatura, cinema, teatro), internet. Enfim, não se pode esquecer que o signo se apoia na virtualidade do pensamento e qualquer representação existe a partir de uma possibilidade, portanto virtualidade. Os textos são desafiantes porque nos convidam ao risco, ao descobrir-se e transformar-se. São campos de guerra e paz. Desconstrução do estabelecido e ressignificação da realidade. Pensamento livre e capaz de, processualmente, transitar pela transsubjectividade necessária ao eu que anseia transcender e conhecer o mundo.

Enfim, quando lemos somos produtores de sentido e significado, ou seja, a leitura deve ajudar-nos a *“encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, reflectir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo.”* (Bloom, 2001: 22).

Parece-nos que o bom texto é sempre aquele que nos provoca e nos faz ser como a lagarta que ousa quebrar o casulo para de lá alçar seu voo livre, ainda que incerto e inseguro, mas o importante é saber-se capaz de voar. Quando realizamos um pacto, recebemos uma senha, assumimos um compromisso e recebemos uma promessa: de ter a coragem da transformação consolidada no voo livre da borboleta.

Entre
se o le
cas, so
surpre
zer, ce
cende
lidade
tir da
intole
A leit
car no
numa
e ser
“patrã
“domi
ta”, o
O coi
mund
leitor
no, m
esper
pens
Haró
actua
a tra
ra coi
ção e
reific
ter ca
isola
ignor
des e
const
estan
Refle
e tan
cime

em os dramas e
Quem lê inter-

ra a decifração
erta mais alar-
uridade de um
ler com a alma
ela de onde se
o à leitura fun-
as capacidades
ional de signo,

re o signo con-
três sujeitos: o
ndo uma expres-
, o interpretan-
o, 1991: 13).

er-se presença
isa, mas reme-
rais. A dimen-
ariadas formas
tro), internet.
pensamento e
virtualidade.
se e transfor-
ressignificação
ela transubjec-

seja, a leitura
zado como base
, e que seja livre

faz ser como a
que incerto e
nos um pacto,
promessa: de

Entretanto, esse estado de liberdade produzido pela leitura somente será alcançado se o leitor for confrontado com a sua própria realidade, suas circunstâncias históricas, sociais e psíquicas. Além disso, a leitura deve ser capaz de propor um estado de surpresa, estranheza, ambiguidade, alteridade e suspensão. Isso tem a ver com o prazer, com a satisfação de ganhar e perder, de vestir a pele das personagens, de transcender o banal e fundar mundos possíveis, onde interrogamos e questionamos a realidade, os paradigmas, os valores, os sistemas e as contradições sociais surgidas a partir da criação das relações de poder, da não-aceitação da diferença, do estereótipo, da intolerância e de formas perversas e diversas de dominação e subjugação.

A leitura informa e faz conhecer, mas a sua grande valia é precisamente a de provocar no leitor algo que o identifique com o outro e o coloque na dimensão universal, numa rede de relações e sentimentos onde pode vestir-se com a pele da personagem e ser uma colectividade. A "persona" concede o direito à isenção ou à culpa de ser o "patrão", o "operário", o "rico", o "pobre", o "político", o "religioso", o "dominador", o "dominado", o "bandido e marginal", a "prostituta", o "bancário", o "professor", o "artista", o "palhaço", o "poeta" ou o "lavrador".

O contacto com "pessoas", sentimentos, lugares, contextos possibilita reinventar o mundo a partir de outras realidades transfiguradas no texto e capazes de provocar no leitor uma apropriação da realidade empírica para dali repensar o seu próprio destino, mas sobretudo os anseios colectivos. Quando lemos somos sempre "outro" que espera viver segredos e compartilhar sentimentos, emoções, ideias, utopias, enfim, pensamentos.

Harold Bloom, já citado, um dos mais conceituados críticos da literatura no mundo actual, diz que uma das funções da leitura é preparar-nos para uma transformação, e a transformação final deve ter carácter universal. Nesse sentido reafirmamos a leitura como um dos principais elementos de reestruturação social, portanto de intervenção com probabilidades de sensibilizar para a construção de uma realidade menos reificada (coisificada), na qual o sentimento mais forte é determinado pela ideia de ter cada vez mais, ainda que isso custe ser cada vez menos. Assim, habitamos mundos isolados, onde valorizamos os ganhos individuais e sacralizamos os bens materiais, ignoramos as diferenças, esvaziamos os dias e as noites visitando os *shoppings*; grandes catedrais do mundo contemporâneo erguidas de vidro e aço... Enfim, somos o que consumimos e apenas por alguns instantes. Logo surge um novo "canto de sercia" e estamos novamente embriagados, despertencidos e sozinhos.

Reflectir sobre determinados aspectos que norteiam o pensamento contemporâneo é também tecer relações entre passado e futuro, a espera de que a produção de conhecimento seja traduzida como ponte de divergências e convergências entre uma época

e outra, mas, sobretudo de mudança. É oportuno lembrar que o século XIX olhou para o mundo de forma positivista, reduzindo-o às teorias evolucionistas, onde tudo era enquadrado numa concepção biológica da realidade, inclusive a história e a sociedade.

Entretanto, o século XX que, na sua primeira metade, assumiu um ponto de vista psicológico ou físico, ainda sob a tirania cartesiana, também foi capaz de elaborar um "olhar" semiótico totalizador, assumindo posturas filosóficas em relação aos problemas da ciência, da história e da sociedade, o que provocou profundas mudanças na forma de produção científica e cultural determinantes para que, neste momento de viragem, o mundo orientado pela dinâmica aparentemente homogeneizadora da globalização económica e cultural e mediaticizado por tecnologias sofisticadas, possa fazer valer a necessidade de nos situarmos no universo como seres capazes de integrar razão e emoção, valorizando o todo sem perder de vista a nossa identidade cultural, portanto local.

Assim, o global assume formas contra-hegemónicas e faz emergir um novo olhar para as diferenças formando, segundo João Arriscado Nunes (Santos, Boaventura de Sousa, 2001: 313) "*novas energias e constelações de práticas emancipatórias que visam apresentar movimentos sociais organizados em torno de temas como a ecologia, a paz, os direitos humanos, os direitos das mulheres e das minorias étnicas e sexuais ou a luta contra a SIDA, e como novas instituições e organizações não-governamentais - ligadas às diversas arenas do combate pela emancipação do mundo globalizado.*"

Parece que estamos face ao chamado da *reinvenção do princípio de comunidade*, no qual se criam espaços para um pensamento renovado, onde os actores sociais podem emergir e elaborar discursos em favor das suas verdades. Estamos na sociedade semiótica que parece recorrer *a uma heterotópica de linguagens e de narrativas que são deslocadas e reconfiguradas das margens para o centro do discurso teórico* (Santos, 1995).

Face ao surgimento de uma nova maneira de olhar e pensar, exige-se a formação de um leitor com a capacidade de questionar, reflectir e de se projectar para além da cultura formal. O mundo em transição recoloca o sujeito e desconstrói concepções e valores em torno da verdade, do estético, do tempo, da realidade e do sujeito. O consenso está em questão.

Em contrapartida, a realidade ainda continua marcada por profundas desigualdades sociais que impedem a concretização de um mundo melhor. Falar de respeito pelas minorias não significa reduzi-las ao ser diferente, pois aí reside o perigo de uma relação fundamentada no poder e na exclusão, onde se tende a estereotipar as diferenças sem que se respeite o direito à vida, à liberdade, à educação e acesso aos bens materiais e culturais.

Temos ut
sociais e i
lência e a
naturais, c
nidade hu
Acreditar
(geo)poli
Santos: 19

1. Por a ci
dãos de
represe
dania e
2. Criar e
neta, q
3. Oferec
reza lú
pelo pr
4. Promq
uma pi

Finalmer
que se rei
novos pa
pectivas
Podemos
fundame
mos nov
question
1. A esco
2. A for
como
3. A for
4. O ten
5. A leitr

Assim, p
evoluçã

Temos um mundo fragilmente movido pelas aparências, no qual as desigualdades sociais e intolerância às diferenças produzem a miséria material e intelectual, a violência e as guerras. Mata-se em nome da religião, das riquezas materiais e recursos naturais, do conhecimento e da liberdade. Esquece-se de valores básicos para a dignidade humana: justiça, solidariedade e capacidade de partilha.

Acreditamos que o século XXI demande com urgência "a reconstrução de uma (geo)política do conhecimento num sentido crítico e emancipatório (...)" (Nunes, in Santos: 1995) que depende de:

1. Pôr a ciência em cultura, ou seja, tornar a cultura formal acessível a todos os cidadãos de maneira que o conhecimento faça parte do conjunto de expressões que representam uma comunidade, como também da construção do conceito de cidadania e intervenção social;
2. Criar espaços de reflexão que possam gerar a consciência para o bem-estar do planeta, questões ambientais que passam pelo científico, tecnológico e cultural;
3. Oferecer espaços para o ócio criativo, onde o sujeito possa desfrutar da sua natureza lúdica e utilizar-se dos recantos colectivos capazes de produzir uma cultura pelo prazer de contemplar, conhecer e transformar;
4. Promover o encontro entre a cultura formal e a cultura informal de maneira que uma possa enriquecer a outra.

Finalmente, para que se possa colocar em prática qualquer um desses princípios terá que se repensar a questão da leitura como pedra fundamental para a incorporação de novos paradigmas que buscam estabelecer o bem comum geradores de novas perspectivas de futuro.

Podemos nomear de educação para o "letramento" ou para a "leiturização", mas o fundamental é que se trabalhe no sentido de formar novas sensibilidades para obtermos novas mentalidades. Tal formação exige que alguns pontos sejam avaliados e questionados, tais como:

1. A escola como lugar de apreensão de conhecimento;
2. A formação permanente e contínua dos profissionais da educação e o educador como leitor simbólico;
3. A formação do leitor selectivo;
4. O tempo destinado para o ócio-criativo;
5. A leitura como "lugar" do possível.

Assim, pensar e intervir no século XXI significa propor caminhos significativos para a evolução humana, nos quais o espírito de solidariedade, cooperação e cidadania possam

construir um mundo melhor, onde todos se sintam incluídos no processo de transformação e desenvolvimento, podendo conviver com os "outros" em pleno exercício de liberdade, igualdade e justiça.

Provavelmente, apresentamos apenas algumas ideias que podem contribuir para a reflexão em torno da importância da leitura, da educação e da formação para a cidadania no mundo actual. Contudo, vale a pena lembrar as palavras do líder político Nelson Mandela, proferidas num dos seus discursos no plenário da Nações Unidas: *A educação pode fazer a diferença entre uma vida de pobreza extrema e o potencial para uma vida plena e segura.*

Pensar na necessidade de educar e produzir conhecimento obriga-nos a pensar na leitura como elemento de reestruturação social e valioso instrumento de intervenção. Portanto, dos investimentos que teremos de fazer nas próximas décadas, não se poderá subtrair a formação de professores para que valorizem a leitura como bem espiritual e património da humanidade.

A reflexão sobre a questão da leitura como sendo essencial e constitutiva do Pensar e Intervir no Século XXI faz-se urgente. Como diz o poeta Carlos Dummond:

*"Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?"*

Quem ensina a ler entrega uma chave que pode abrir portas e romper fronteiras, mas também fechar as cortinas do pensamento, da criatividade e da emoção. Por isso tenham cuidado, muito cuidado para que ao apresentarem o mundo da leitura às crianças possa ser possível a "leitura de mundo" como nos ensina Paulo Freire. Pois "ensinar a ler" deve ser um gesto sublinhado pela ousadia daquele que também ajuda o outro a ser na plenitude do "olhar", significando: ver bem, claro e longe, mergulho infinito no poder ser "outros".

Referê

BACHEL
Paulo: Ma
BAJARD
do texto escri
BARTHE
Paulo: Ma
BARROS
Dialogismo.
Editora da
BARTHE
Alves
BARTUC
ticas de subj
BLOOM
Janciro: J.
BUORO
tura da imag
CAVALC
infante e ju
CHART
entrando no
COLLE
mento e má
COLAÇ
Ulmeiro.
LCO Un
Paulo: Ed

processo de transfor-
pleno exercício de

contribuir para a
nação para a cida-
s do líder político
la Nações Unidas:
potencial para uma

s a pensar na leitu-
o de intervenção:
das, não se poderá
o bem espiritual e

titutiva do Pensar
s Dummond:

er fronteiras, mas
emoção. Por isso
ndo da leitura às
Paulo Freire. Pois
que também ajuda
e longe, mergulho

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston (1988) – *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAJARD, Elie (2001) – *Ler e dizer, compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Editora Cortez.
- BAKHTIN, Mikhail (1997) – *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de, Fiorin, José Luiz (1994). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo.
- BARTHES, Roland (1995) – *O grão da voz*. RJ: Francisco Alves.
- BARTUCCI, Giovanna (2002) – *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- BLOOM, Harold (2001) – *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Editora Objectiva.
- BUORO, Anamélia Bucno (2002) – *Olhos que pintam - a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- CAVALCANTI, Joana (2002) – *Caminhos da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Paulus.
- CHARTIER, Anne-Marie [et al.] (1996). *Ler e escrever - entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- COELHO, Nelly Novaes (2000) – *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis.
- COLAÇO, Maria Rosa (1996) – *A criança e a vida*. Lisboa: Ulmeiro.
- ECO, Umberto (1991) – *Semiótica - filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Ática
- HABERMAS, Jürgen (1990) – *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- JOLIBERT, Josette (1994) – *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.
- LEITE, Carlinda [et al.] (2000) – *Contar um conto, acrescentar um ponto - Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- MACHADO, Álvaro Manuel; Pageaux, Daniel Henri (1981) – *Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura*. São Paulo: Edições 70.
- MESQUITA, Armindo [et al.] (2002) – *Pedagogias do Imaginário*. Porto: Edições Asa.
- OSTROWER, Fayga (1995) – *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus.
- RICOUER, Paul (1998) – *Ensaíos*. São Paulo: Editora Paulus.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2001) – *Globalização - fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2001) – *Fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento.
- SARAIVA, Antônio José (1998) – *Ser ou não ser arte - estudos e ensaios de metaliteratura*. Rio de Janeiro: Vozes.
- SILVA, Luiz Heron da (1998) – *A Escola cidadã no contexto de globalização*. Petrópolis: Editora Vozes.
- TODORÓV, Tzvetan (1987) – *La notion de littérature et autres essais*. Paris: Editions du Seuil.
- VENTURI, Lionello (1998) – *História da crítica de arte - Arte e Comunicação*. Lisboa: Edições 70.